

## ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS DONZELAS GUERREIRAS DIADORIM E MONJA ALFEREZ

Edilene Ribeiro Batista<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo traçar uma análise do mito da donzela guerreira, em suas manifestações ficcional e real/histórica. Para tanto, a título de exemplo, utilizaremos, no espaço romanesco, a personagem Diadorim, da obra *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, e sob a perspectiva do mundo real apreendido em um dado momento histórico, trabalharemos com a *Monja Alferéz*, de Catalina Erauso.

**Palavras-chave:** Donzela guerreira, Diadorim, Monja Alferéz.

**ABSTRACT:** This work has an its aim to offer an analysis of the maid warrior myth, in its ficcional and real/historical manifestations. As an axample to show this, we will use, in the novel space, the character Diadorim, from the title *Grande sertão: veredas*, by Guimarães Rosa. On the other hand, from the perspective of the real world apreended in a certain historical moment, we will work with *Monja Alferéz*, by Catalina Erauso.

**Keywords:** Maid warrior, Diadorim, Monja Alferéz

O presente artigo tem por objetivo traçar uma análise do mito da donzela guerreira, em suas manifestações ficcional e real/histórica. Para tanto, a título de exemplo, utilizaremos, no espaço romanesco, a personagem Diadorim, da obra *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, e sob a perspectiva do mundo real apreendido em um dado momento histórico, trabalharemos com a *Monja Alferéz*, de Catalina Erauso. Outrossim, iniciaremos este trabalho partindo do exame de aspectos teóricos, tais como: mito, arquétipo e mesmo o conceito e caracterização da donzela guerreira, propondo, ao final deste estudo, uma reflexão do mito em questão sob a perspectiva de gênero. Utilizaremos, ainda, como suporte teórico, obras e/ou textos de Mircea Eliade, de Victor Jabouille, de C. G. Jung, de Jolandi

---

<sup>1</sup> Edilene Ribeiro Batista é doutora em Literatura Brasileira, professora do Curso de Letras e docente do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Ceará – UFC. Pesquisadora na área de gênero, faz parte do GT da ANPOLL “A Mulher na Literatura” (na linha de pesquisa “Resgate”); coordena o Grupo de Estudo e Pesquisa “Outras Vozes: Gênero e Literatura”. Autora de livros e de diversos artigos em revistas e capítulos em obras teóricas, tem participado, com comunicações orais, em congressos internacionais, como no Chile, no Peru, no México, na Itália, na Inglaterra e na Espanha.

Jacobi e de Walnice Nogueira Galvão, dentre outros, no que se refere à temática aqui apresentada.

Considerando que, etimologicamente, mito vem do grego *mythos* e do latim *mythu*, representando uma narrativa sobre divindades, inventada pelos homens, podemos inferir que uma das funções míticas é a de explicar a origem das coisas ou a de justificar padrões de comportamento.

Enquanto narrativa fabulosa é a que é aceita coletivamente, fazendo parte do patrimônio cultural de uma dada comunidade, o mito apresenta, em sua composição, um autor não identificado. Localizando-se em tempo indeterminado, seu tema fundamenta-se em uma tradição integrada a um sistema, na maior parte dos casos, religioso. Por ser dinâmico, tem a possibilidade de se desenvolver, atualizar ou até mesmo anular. Suas personagens não envelhecem e representam modelos para a conduta humana.

Outra função mítica é a de *imitatio dei* e sua materialização se dá, principalmente, sob as formas artísticas cuja manifestação literária (oral ou escrita) pode possibilitar a sua renovação. Para Jabouille, esse fato mantém implícita a noção de que a Arte já não cria novos mitos, mas somente reanima e recria os mitos antigos. Diz o autor:

... a realidade histórica, a vida tenta reproduzir, no plano material, uma verdade lendária, uma plenitude espiritual. A História se origina de mito; o mito é o embrião da História. Algo da potencialidade embrionária do mito continua latente nos acontecimentos, fazendo com que se perpetue a aspiração utópica à sua plena realização (JABOUILLE, 1993, p. 69).

O exposto acima por Jabouille coaduna com o pressuposto de que o mito narra uma história sagrada originada *ab initio* ou *ab origine*, capaz de declarar um mistério, como por exemplo, a formação do universo; pode, também, fazer uma revelação que transcende a realidade e que teve seu lugar *in illo tempore*, mas que serve como paradigma de conduta humana, fazendo-se presente na atualidade psíquica. Por isso Jung considera os mitos expressões simbólicas de inconsciente. Compreendê-los significa reconhecê-los como uma criação do espírito que pode ter sido alterada por um processo de laicização, uma vez que o mundo moderno “traduz-se por uma revalorização ao nível profano dos antigos valores sagrados” (ELIADE, s/d, p. 19). Sendo assim, o mito pode ser lembrado ou renovado, regressando,

inclusive, de tempos em tempos, mas mantendo sua permanência referencial e visando à harmonia entre o homem e o universo. A universalidade e a atemporalidade acabam possibilitando a utilização do mito como um recurso estético inesgotável. Seu simbolismo, principalmente na literatura, é uma das formas de expressão do imaginário humano e se apresenta como um suporte artístico natural que se materializa de várias formas: nas referências ou alusões, na persistência na tradição de uma memória coletiva, etc. Enfim, “as materializações dos grandes mitos do passado vão ser chamadas a confirmar os mitos do presente” (JABOUILLE, 1993, p. 19) e isso se dá, de forma privilegiada, no universo literário que, além de divulgar o mito, pode possibilitar a sua permanência, o seu desenvolvimento e a sua atualização.

Ao universo mítico associa-se a noção de arquétipo, pois é dos mitos que a psicologia arquetípica retira imagens universais que satisfazem o mundo dos sonhos dos indivíduos.

Conceitualmente, arquétipo define-se como imagem primeira, modelo originário, uma vez que *arque* significa início, origem, e *tipo* expressa ideia de imagem, modelo, reportando assim, também, à concepção de padrão comportamental. Nesse sentido, Jacobi dirá que “os arquétipos nada mais são do que formas típicas de conceber e contemplar, de vivenciar e reagir, da maneira de se comportar e de sofrer, retratos da própria vida” (JACOBI, 1995, p. 53) que existem no inconsciente coletivo e que podem influenciar a vida de cada indivíduo. Jung, por sua vez, afirmará que arquétipo é

... um agrupamento definido com caracteres arcaicos, que, em forma e significado, encerra *motivos mitológicos*, os quais surgem em forma pura nos contos de fadas, nos mitos, nas lendas e no folclore. Alguns desses motivos mais conhecidos são: a figura do herói, do Redentor, do dragão (sempre relacionado com o herói, que deverá vencê-lo), a baleia ou o monstro que engole o herói (JUNG, 2003, p. 33, 34).

De conteúdo imaterial, o arquétipo vive dentro de cada um de nós e traduz os acontecimentos anímicos inconscientes em imagens do mundo exterior. Portanto, para Meletínski (1998, p. 21), os arquétipos podem ser compreendidos, em seu caráter metafórico, como grandes símbolos, muitas vezes plurívocos. Apesar de imutável na sua essência, ele está em constante transformação nas diversas

formas de manifestar-se, sendo assim capaz de desenvolvimento infinito. Atemporal e ilimitado, um tipo de arquétipo pode influenciar outro.

Dentro desse universo mítico e arquetípico é que se encontra inserido o mito da donzela guerreira – expressão simbólica de um fenômeno psíquico que pode ser observado ao longo da história literária.

Filha única ou mais velha criada pelo pai sem a presença materna, a donzela guerreira possui destino assexuado uma vez que não pode ter amante nem filhos. Corta os cabelos; enverga trajes masculinos; trata seus ferimentos em segredo; se banha escondida; costuma ser descoberta quando, ferida, seu corpo é desvendado; destina-se a uma morte real ou simbólica. Assim a descreve Walnice Nogueira Galvão:

Ei-la que ressurge a nosso lado em carne e osso, qual Mu-lan, a chinesa do século V, indo à guerra contra os tártaros para substituir o velho pai carente de filho [...]

Invoque-se Santa Joana D'Arc, Palas Atena, Parvati ou Iansã, a que roubou o raio de dentro da boca de Xangô tornando-se senhora das tempestades e das mulheres de cabeça forte, a padroeira de todas elas nunca falta em qualquer panteão.

Essa personagem frequenta a literatura, as civilizações, as culturas, as épocas, a História, a mitologia. Filha de pai sem concurso de mãe, seu destino é assexuado, não pode ter amante nem filho. Interrompe a cadeia de gerações, como se fosse um desvio do tronco central e a natureza a abandonasse por inviabilidade. Sua potência vital é voltada para trás, para o pai; enquanto ela for só do pai, não tomará outro homem. Mulher maior, de um lado, acima da determinação anatômica; menor, de outro, suspensa de acesso à maturidade, presa ao laço paterno, mutilada nos múltiplos papéis que a natureza e a sociedade lhe oferecem.

Os traços básicos da personagem montam sempre uma mesma configuração, privilegiadora de algumas áreas da personalidade. Filha única ou mais velha, raramente a mais nova, de pai sem filhos, corta os cabelos, enverga trajes masculinos, abdica das fraquezas femininas – faceirice, esquivança, medo -, aperta os seios e as ancas, trata seus ferimentos em segredo assim como corpo é desvendado; é guerreira; e morre.

Entretanto, a imolação da personagem está associada a sua atuação na vida pública. Destina-se à morte, real ou simbólica; mas, ao irromper da esfera privada de atuação, ganha outras dimensões, crescendo cada vez mais até atingir a grandeza e provocar um terremoto em nossa estreita conformidade (GALVÃO, 1981, p. 8, 9).

Além do especificado acima, outras características podem ser apontadas nessa figura mítica: o poder de feitiçaria, a vidência; o grande dinamismo; o desempenho guerreiro; os dotes intelectuais. Nessas mulheres, beleza e agressividade são balanceadas; estão sempre a serviço de uma missão guerreira (daí a escolha da silhueta masculina) e, de um modo geral, mantêm-se castas, virgens.

Nos textos fundadores da tradição ocidental, são encontrados diversos exemplos de donzelas guerreiras. Na mitologia, destaca-se Atalanta, senhora dos bosques e da caça, ou mesmo Ártemis (deusa da caça e protetora das Amazonas), uma donzela selvagem que permaneceu virgem e eternamente jovem. Palas Atena descortina-se, aqui (como também em obras literárias tais quais a *Ilíada* e a *Odisseia*), como a deusa da filosofia. Nascida da cabeça de seu pai Zeus, dali sai com um grito de guerra nos lábios e totalmente armada.

Na literatura, têm-se outros tantos textos e obras que apresentam personagens representativas desse mito. A balada chinesa anônima “Mu-lan”, que vem sendo cantada há pelo menos quinze séculos, conta a história de uma heroína que, provavelmente, tenha sido a primeira referência literária do mito da donzela guerreira. Segue-se a ela, a título de exemplo, um poema medieval anônimo intitulado “A Donzela que vai à guerra”, cuja heroína passa sete anos guerreando vestida de homem. Figuram-se, ainda, nessa galeria, Bradamante, de *Orlando furioso* e Clorinda, de *Jerusalém libertada*. Nessas duas últimas obras citadas, ambas as figuras são guerreiras e representam o mito em questão já no Classicismo.

Como se pode notar, o mito da donzela guerreira tem ultrapassado as fronteiras do tempo, da nacionalidade, das tipologias textuais, entre outros. No Brasil, no folclore nordestino, por exemplo, a literatura de cordel utiliza-se igualmente de recorrência dessa personagem, o que demonstra a força do mito que adquire novas roupagens para adaptar-se a diferentes épocas e contextos culturais. Citem-se os panfletos “Joana D’Arc” e “A filha do cangaceiro” que trazem retratos de mulheres de coragem e bravura.

Não se findam aí as inúmeras recorrências a essa figura mítica e arquetípica que povoa o imaginário popular. Vestida como um homem, destaca-se, na Literatura Brasileira, Diadorim – Reinaldo, personagem de Guimarães Rosa, em *Grande sertão: veredas* que, portando-se como “macho”, lutava corajosamente:

Diadorim a vir-do topo da rua, punhal na mão; avançar – correndo amouco...

[...]

... O Hermógenes: desumano, dronho – nos cabelões da barba...Diadorim foi nele... Negaceou, com uma quebra de corpo, gambeteou... E eles sanharam e baralharam, terçaram. De supetão e só...

[...]

... e vi – o claro claramente: aí Diadorim cravar e sangrar o Hermógenes... Ah, cravou – no vão – e ressurtiu o alto esguicho de sangue: porfiou para bem matar! (ROSA, 1986, p. 556).

Mantendo seu segredo guardado até o final da obra, Diadorim conserva sua identidade protegida, tomando banho de madrugada; cuidando de seus ferimentos escondida e abandonando a possibilidade de se casar, por isso simbolizaria perder tudo o que havia conquistado uma vez que seu verdadeiro sexo seria revelado. Só na morte revela-se o fato de a personagem ser uma mulher:

Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d'arma, da coronha...

Ela era. Tal que assim se desencantava, num encontro tão terrível [...]. Uivei. Diadorim! Diadorim era mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Uruçuia, como eu soluçei meu desespero (ROSA, 1986, p. 560)

Enquanto donzela guerreira, Diadorim cumpre todos os passos destinados à sua transformação mítica: corta os cabelos; aperta os seios num jaleco de couro; supera o medo, as fraquezas femininas, guerreando em muitas campanhas e batalhas trajada como homem. Filha única e criada entre jagunços pelo pai Joca Ramiro (seu cúmplice, pois sabia que ela era mulher), essa personagem parece ter uma necessidade circunstancial de manter sua falsa identidade: manter a própria honra e o respeito entre “os cabras” ou mesmo satisfazer o desejo de seu pai de ter um “filho homem”. Nesse sentido, Diadorim desafia a estrutura social que não permite a atuação feminina, por isso mantém-se como jagunço a fim de atingir seus objetivos. A silhueta masculina, nessa personagem, tem, então, uma relação com seu senso de missão, com seu projeto pessoal – a vingança que, sob sua ótica, parece ter o sentido de débito para com o pai.

A fim de cumprir seu destino, Diadorim mantém-se virgem.

Essa questão da virgindade, entretanto, não foi sempre considerada no mito. Afirma a Professora Tania Serra que o mito tende a sofrer alterações para poder resistir a força do tempo. Essas alterações podem ser exemplificadas com Anita Garibaldi – mulher casada que acompanhou o marido à guerra. Com relação às donzelas guerreiras casadas, estabelece a Professora Tania Serra em seu texto “O andrógino/donzela guerreira, de Platão a Guimarães Rosa”:

[...] há uma duplicação da figura das jovens guerreiras. No primeiro caso temos uma “senhora” guerreira, que luta ao lado de seu marido [...] e morre ao seu lado guerreando. No segundo a heroína casa-se no final [...]. Uma das principais características do mito, a virgindade, é substituída pela vida de casada (SERRA, s/d, p. 6).

Walnice Nogueira Galvão apresenta outro ponto de vista a esse respeito. Para ela, o casamento simbolizaria a morte da donzela guerreira que se transforma em mulher. Acrescenta, ainda, a Autora, que há, na História, casos verídicos dessas mulheres que se apresentam como cangaceiras, mandonas, bandidas, aventureiras, soldados, entre outros. Afirma Galvão:

Dois pontos são indecidíveis no exame do arquétipo literário: se ocorre por autoctonia ou por difusão, e se, além de literário, é também histórico. E isso porque o arquétipo visita tempos e espaços, sem que se possa precisar se nasceu ali ou chegou por empréstimo. E, quando pensamos ter resolvido a questão, pondo-a à conta da literatura, surgem documentos que comprovam uma existência histórica (GALVÃO, 2002, p. 21).

A assertiva acima pode ser comprovada, no Brasil, com figuras históricas como Dadá (Sérgia Ribeiro da Silva), Maria Quitéria, Maria Curupaiti, Jovita, Anita Garibaldi, para citarmos apenas algumas. A figura arquetípica da donzela guerreira encontra-se, portanto, presente nos mitos, na literatura, ou mesmo em documentos da História de diversas nações tal como é o caso da Monja Alferéz, ou Catalina de Erauso, que escreveu suas memórias, em 1624, emocionando, com sua autobiografia, seus contemporâneos espanhóis já nos primeiros anos do século XVII.

Disfarçada de grumete, Catalina de Erauso se veste de homem para levar uma vida de aventuras, chegando a ter sua fama divulgada até a Índia Oriental. De aspecto viril e militar, assim a descreve José María de Heredia:

Es una doncella de unos treinta y cinco a cuarenta años [...]. Alta y recia de talle, de apariencia más bien masculina, no tiene más pecho que una niña. Me dijo que había empleado no sé qué remedio para hacerlo desaparecer. Fue, creo, un emplastro que le suministró un italiano; el efecto fue doloroso, pero muy a deseo. De cara no es muy fea, pero bastante ajada por los años. Su aspecto es más bien el de un eunuco que el de una mujer. Viste de hombre, a la española; lleva la espada tan bravamente como la vida, y la cabeza un poco baja y metida em los hombros, que son demasiado altos. En suma, más tiene el aspecto bizaro de un soldado que el de un cortesano galante.(apud ERAUSO, s/d, p. 2)<sup>1</sup>.

Em uma época em que às mulheres era destinada a observância de condutas ordenadas pela igreja, entre elas, a subordinação ao marido, Catalina de Erauso desejava ser espadachim, soldado, bebendo nas tavernas, andando em ambiente público. Na tentativa de contê-la, seus pais resolveram colocá-la em um convento; entretanto, antes dos votos, ela se vestiu de homem; cortou os cabelos e, fugindo do claustro, deu início às suas aventuras. Viajou; sofreu naufrágio; participou de tiroteios; brigou; matou; foi presa e, em um de seus interrogatórios, confessou ao padre que era mulher:

A la mañana, como a las diez, Su Ilustrísima me hizo llevar a su presencia, y me preguntó quién era y de donde, hijo de quién, y todo el curso de mi vida y causas y caminos por donde vine a parar allí [...]. Y viéndolo tan santo varón, pareciéndome estar ya en la presencia de Dios, descúbrome y dígole. “Señor, todo esto que he referido a Vuestra Señoría Ilustrísima no es así. La verdad es ésta: que soy mujer, que nací en tal parte, hija de Fulano y Zutana; que me entraron de tal edad em tal convento, com Fulana mitia; que allí me crié; que tomé el hábito y tuve noviciado; que estando para profesar, por tal ocasión me salí; que me fui a tal parte, me desnude, me vestí, me corte el cabello, parti allí y acullá; me embarque, aporté, trajiné, mate,

---

<sup>1</sup> É uma donzela de uns trinta e cinco, quarenta anos [...]. Alta, de aparência masculina, não tem mais peito que uma menina. Disse-me que havia usado não sei que tipo de remédio para fazê-lo desaparecer. Foi, creio, um emplastro que lhe ministrou um italiano. O efeito foi doloroso, mas satisfatório. De rosto não é muito feia, mas bastante envelhecida pelos anos. Sua aparência é mais de um eunuco do que de uma mulher. Veste-se de homem, à espanhola, leva a espada tão bravamente quanto a vida. Tem a cabeça um pouco baixa, metida nos ombros que são, demasiadamente, altos. Em suma, tem mais o aspecto bizarro de um soldado que de um cortesão (livre tradução).

herí, maleé, correteé, hasta venir a parar en lo presente, y a los pies de Su Señoria Ilustrísima” (ERAUSO, s/d, p. 16)<sup>1</sup>.

Depois dessa confissão, a notícia se espalha. Ainda virgem, Catalina de Erauso veste o hábito, ficando a serviço da Igreja. Nesse ponto, talvez possamos inferir que pode existir mais de um tipo de morte simbólica da donzela guerreira, além do casamento. A Monja Alferez, a exemplo dessa proposta, abandona a vida de guerreira para se tornar freira, embora, após a morte do bispo a quem confessou seu segredo, tenha retornado a vida de outrora. Tempos depois, em Roma, conta ao Papa Urbano VIII sua história e recebe dele uma licença para continuar se vestindo de homem:

Parti de Génova a Roma. Besé el pie a la Santidad de Urbano VIII, y referile em breve y lo mejor que supe mi vida y correrias, mi sexo y virgindad. Mostro Su Santidad extrañar tal cosa, y com afabilidad me concedió licencia para prosseguir mi vida em hábito de hombre, encargándome la prosecución honesta em adelante y la abstinencia de ofender al prójimo, teniendo la *ulción* de Dios sobre su mandamiento *non occides* (ERAUSO, s/d, p. 19)<sup>2</sup>.

A história de Catalina de Erauso, a Monja Alferez, só vem comprovar que, desde “a aurora dos tempos, a donzela guerreira transgrediu simultaneamente, e no mínimo, duas fronteiras. A primeira delas entre os gêneros, ao colocar-se a cavaleiro

---

<sup>1</sup> Pela manhã, lá pelas dez horas. Sua ilustríssima me fez levar à sua presença e me perguntou quem eu era e de onde vinha, filho de quem, e todo o percurso de minha vida, motivos e caminhos que me levaram a chegar ali. E vendo tão santo homem, parecendo-me estar na presença de Deus, descubro-me e digo a ele: “Senhor, tudo o que falei a Vossa Senhoria Ilustríssima não é assim. A verdade é esta: sou mulher, nasci em tal parte, filha de Fulano e Beltrona; que me colocaram em um convento com Fulana, minha tia; ali fui criada; tomei o hábito e passei pelo noviciado, estando para professar, saí de lá; me fui a tal lugar, me despi, me vesti, cortei o cabelo, parti para outro lugar; embarquei, aportei, andei, matei, bati, me tornei má, perambulei, até vir parar aqui, nos pés de Sua Senhoria Ilustríssima” (livre tradução).

<sup>2</sup> Parti de Gênova para Roma. Beijei o pé da Santidade Urbano VIII, e contei rapidamente o melhor que sabia da minha vida e minhas andanças, meu sexo e virgindade. Mostrou Sua Santidade estranheza do fato, e com afabilidade me concedeu licença para prosseguir a minha vida em trajes masculinos, encarregando-me da execução honesta de, a partir dali, abster-me de ofender o próximo. Tendo a bênção de Deus (livre tradução).

do masculino e do feminino; a segunda, entre os estatutos do real e do imaginário” (GALVÃO, 2002, p. 21).

Sob a perspectiva de gênero, a donzela guerreira, então, aponta para o fato de que as mulheres não se resignaram. Transgrediram, na ordem do histórico, do imaginário, os limites que lhes foram impostos, de certa forma repensando as marcas que a cultura impôs aos corpos. A esse respeito, afirma Guacira Lopes Louro:

Definir alguém como homem ou mulher, como sujeito de gênero e de sexualidade significa, pois, necessariamente, nomeá-lo segundo as marcas distintivas de uma cultura – com todas as consequências que esse gesto acarreta: a atribuição de direitos ou deveres, privilégios ou desvantagens. Nomeados e classificados no interior de uma cultura, os corpos se fazem, históricos e situados. Os corpos são “datados”, ganham um valor que é sempre transitório e circunstancial. A significação que se lhes atribui é arbitrária, relacional e é, também, disputada. Para construir a materialidade dos corpos e, assim, garantir legitimidade aos sujeitos, normas regulatórias de gênero e de sexualidade precisam ser continuamente reiteradas e refeitas. Essas normas, como quaisquer outras, são invenções sociais. Sendo assim, como acontece com quaisquer outras normas, alguns sujeitos as repetem e reafirmam e outros delas buscam escapar (LOURO, 2004, p. 89).

Conscientes do acima expresso, as donzelas guerreiras se vestem de homem, pois, sob a visão patriarcal, onde ao falo se associa a forma simbólica de autoridade, cabe ao masculino papel dominante. O mito da donzela guerreira também comprova que é a forma como as características sexuais são representadas que constitui o que, efetivamente, é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um determinado momento histórico. A esse respeito afirma Guacira Lopes Louro que “para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos” (LOURO, 1997, p. 21). A questão levantada pela autora (de que as identidades são construídas e passíveis de transformação) precisa ser analisada em todas as áreas, principalmente no campo social, já que é nele que se organizam e se reproduzem as relações desiguais entre os sujeitos e se estabelecem redes de poder que, por meio de discursos (entre tantas outras práticas), constituem hierarquias entre os gêneros. É preciso, pois, construir, desconstruindo:

“Paradoxalmente”, como diz Tereza de Lauretis (1994, p. 209), “a construção do gênero também se faz por meio de sua desconstrução”. Ao aceitarmos que a construção do gênero é histórica e se faz incessantemente, estamos entendendo que as relações entre homens e mulheres, os discursos e as representações dessas relações estão em constante mudança. Isso supõe que identidades de gênero estão continuamente se transformando. Sendo assim, é indispensável admitir que até mesmo as teorias e as práticas feministas – com suas críticas aos discursos sobre gêneros e suas propostas de desconstrução – estão construindo gênero (LOURO, 1997, p. 35).

A forma acima explicitada de se conceber a ideia de gênero implica, também, na reflexão sobre como o feminino é compreendido, na atualidade, pela análise feminista que se propõe a desmistificar imagens, desfazendo representações reivindicadoras de universalidade. Sob essa perspectiva, o mito da donzela guerreira aqui apresentado necessita ser revisto em alguns aspectos, dentre eles, o que se refere ao fato de que a mulher precisa se vestir como homem para ter poder. Essa postura não é mais plausível em uma época em que tanto se apregoa os princípios da alteridade e, pensar assim, implica em refutar modelos teóricos dominantes que imputaram ao feminino o atributo da fragilidade na tentativa de dominá-lo e de destruir sua identidade.

Por fim, concluímos inferindo que o mito da donzela guerreira, sob a abordagem tradicional aqui apresentada, nos auxilia a ver o Outro (a Mulher) sob uma perspectiva que se oponha à aceitação dos valores patriarcais, contrapondo-se à realização de feitos efetuados em função de uma vivência voltada para a *lei do pai*, auxiliando-nos a refletir sobre a construção de relações sociais não sexistas onde tenhamos sujeitos-mulheres plenamente autônomos.

## REFERÊNCIAS

ELIADE, Mircea. **Mitos, sonhos e mistérios**. Rio de Janeiro: Edições 70, s/d.

ERAUSO, Catalina. **História de la Monja Alferéz**. Disponível em <<http://www.cervatensvirtual.com/servlet/SirveObras/01305042011682948755802/p00000...>>. Acesso em: 25 jul. de 2009.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Gatos de outros sacos**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_. "Metamorfoses da donzela-guerreira". In: **Dialogia**. São Paulo: Ed. UNINOVE, 2002. Disponível em <<http://www4.uninove.br/ojs/index.php/dialogia/article/viewFile/817/697>>. Acesso em: 15 de out. 2009.

JABOUILLE, Victor et alli. **Do mythos ao mito**: uma introdução à problemática da mitologia. Lisboa: Cosmos, 1993.

\_\_\_\_\_. **Mito e literatura**. Portugal: Editorial Inquérito, 1993.

JACOBI, Jolandi. **Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C. G. Jung**. Tradução: Margit Martincic. São Paulo: Cultrix, 1995.

JUNG, C. G. **Fundamentos da psicologia analítica**. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MELETÍNSKI, E. M. **Os arquétipos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SERRA, Tania Rebelo Costa. "O andrógino/donzela guerreira, de Platão a Guimarães Rosa". Brasília: s/d, in mimeo.

#### COMO CITAR ESTE ARTIGO:

BATISTA, Edilene Ribeiro. **Análise comparativa entre as donzelas guerreiras diadorim e monja alferes**. Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura. São Cristóvão: UFS, v. 25, mai./ago., p. 157-168, 2016.

**Recebido:** 20.07.2016

**Aprovado :** 05.08.2016